

## EXCURSÃO AO AMAPÁ: A POROROCA

(Condensação de uma conferência pronunciada pelo Dr. ESPERIDIÃO DE QUEIRÓS LIMA em sessão do Instituto de Colonização Nacional a 29 de janeiro último).

Transmite o autor, neste trabalho, com intensa objetividade, as impressões recolhidas de uma expedição ao Amapá, efetuada há cerca de vinte anos atrás. A descrição dos pormenores da viagem, dos lances e episódios mais pitorescos, as surpresas com que se deparou e os perigos inumeráveis que correu juntamente com seus companheiros, enquanto durou a incursão temerária através daquele espaço ainda quase fechado ao homem, deixa-nos entrever aspectos interessantíssimos que não escaparam à atenção do arguto observador. O autor descreve o que viu. Conta os fatos que sucederam na sua viagem e que o levaram mesmo a contrariar narrativas anteriores.

Dentre os acontecimentos da viagem, cujo objetivo, como explica, era a demarcação de lotes de terras devolutas, obtidas por concessão na Guiana Brasileira, destaca-se, por suas impressionantes proporções, como pela singularidade do fenômeno, a "pororoca".

Várias hipóteses foram aventadas para explicar o fenômeno da produção das pororocas, sem faltar as que o atribuem a "influências vulcânicas" ou de "forças sobrenaturais". Assim também as descrições que delas foram feitas nem sempre são acordes entre si. O autor, baseado em suas próprias observações, combate a concepção ainda comumente aceita e a seu ver superficial, de que a pororoca resulta da "luta entre a água doce do rio e a salgada do mar" citando ARIOSTO ESPINHEIRA — *Viagem através do Brasil*, entre os que a esposam. Salienta que tal embate tem lugar distante da costa, em pleno oceano, sem a ocorrência de qualquer perturbação, enquanto a pororoca só se dá nos rios e canais interiores, rasos na ocasião das grandes marés ou então nos baixios, vizinhos à foz de alguns rios. Classifica, portanto, de lenda, a afirmação que se permitem fazer alguns autores, de que a pororoca se forma no próprio Amazonas, assumindo aí proporções fantásticas. Refere-se a ALFREDO RUSSEL WALLACE, que já em meados do século passado explicava, embora vagamente, a ação dos baixios sobre a gênese do fenômeno. Acrescenta que mau grado a evidência de que a pororoca só nasce diante dos baixios, esse fato não levou os autores a modificar aquele modo de entender o fenômeno. Cita para comprová-lo o trabalho de autoria de AMÍLCAR A. BOTELHO DE MAGALHÃES, aparecido nesta revista (ano V, n.º 1 — janeiro a março de 1943), o qual nega fundamento à hipótese do rompimento da pororoca pelos baixios e considera a influência do vento "fator decisivo para deflagrar o fenômeno", além de que reafirma a noção da luta entre o Oceano e o Amazonas. Corroborando a sua tese, o autor exemplifica os rios e paranás de pequena profundidade, semelhantes aos que se encontram com frequência no Pará, como os mais sujeitos à pororoca. Esses rios, durante as vasantes das marés de sizígias, reduzem consideravelmente os seus volumes de água ou se esvaziam completamente.

Outrossim, há que levar em conta o que se verifica quando a pororoca em sua caminhada sobre um rio raso encontra um lago ou poço profundo e largo: instantaneamente abate-se e desaparece no seio da massa líquida, cujo nível se alteia de uma vez. Isso prova que a pororoca não consegue "passar erguida sobre a superfície das águas profundas", porque ali não encontra um plano resistente sobre o qual possa rolar, sem se afundar. E, finalmente esse trecho em que sintetiza a sua própria interpretação do fenômeno:

"No início das grandes marés de plenilúneo e novilúneo, especialmente nas proximidades do equinócio de setembro, na seca, as primeiras ondas da enchente, ao invadir um rio muito raso, ou um extenso baixio junto à foz, vão marchando sobre o fundo, lentamente, devido à resistência do atrito do leito ou da corrente contrária. Continuando o rápido afluxo, as ondas sucessivas, encontrando o rio cada vez mais cheio e progredindo com crescente velocidade, vão alcançando as precedentes, formando assim a cabeça d'água, que avança rio acima.

Atingindo cada vez maior altura, no rio principal, a preamar, as águas, buscando o seu nível, comprimem a massa líquida que já enche a parte inferior do seu afluente, fazendo erguer-se o nível da água ao longo dele e levantando, cada vez mais, a coluna de água, que avança, enrolando e tombando, como uma cachoeira ambulante.

É assim que se forma a pororoca".